

A NEUROSE OBSESSIVA

Regina Steffen

Lacan identifica quatro discursos fundamentais como sendo aqueles que constituem o laço social humano, cada um deles resultante de uma articulação específica entre linguagem, saber, sujeito e gozo. Eles são: o discurso do mestre (formador do sujeito do inconsciente), o discurso da universidade (que visa alcançar o saber pleno), o discurso da histérica (estruturador da neurose em sua dimensão de falta impreenchível), e o discurso do analista (promotor da refundação da estrutura desejante que a análise promove). Haveria ainda um pseudodiscurso, resultante da implementação do capitalismo (discurso do capitalista) que inverte a lógica dos demais discursos, transformando o sujeito em consumidor e prometendo – sem nunca conseguir – superar a impotência humana frente ao real de nossa incompletude. Para tanto, transforma também o objeto humano (perdido desde sempre) em mercadoria possível de ser adquirida.

Esses quatro discursos fundamentais, organizam todos os laços possíveis do sujeito com o Outro na aventura de ser falante.

Note-se que para Lacan, a neurose se estabelece como histeria, ou seja como o laço social através do qual o sujeito tenta superar o impossível que o constitui. O laço social constituído por esse discurso é o único a dar conta de como o sujeito do inconsciente se vira com o mal-estar da impotência que a civilização impõe ao ser humano, da qual ninguém escapa, seja homem ou mulher.

Denominar o discurso neurótico de “discurso da histérica” se deve a que a psicanálise nasceu a partir da clínica das histéricas. Foi dando voz ao sofrimento das mulheres que Freud acabou por mapear o psiquismo da humanidade. A histérica grita seu desejo insatisfeito, ponto estrutural da insatisfação decorrente da castração que humaniza homens e mulheres, marcando de cultura esse nosso corpo que não responde à dimensão instintual. O discurso da histérica revela o modo neurótico de a humanidade se haver com a transmutação do biológico em cultural.

A neurose é moldada pelo discurso que Lacan denominou de “discurso da histérica”, discurso cuja estrutura situa, no lugar da verdade como recalcada, o objeto *a* causa do desejar (objeto que é puro nome - não substância - daquilo que falta). Letra que cria o furo, o Fiat Furo, diz Lacan, ressaltando com essa expressão o ponto de fundação do sujeito falante, assim como o Fiat Lux bíblico, ato pelo qual o Verbo, ao recortar “Lux” do caos indistinto, dá início a um ordenamento que possibilita toda a criação.

Se a estrutura neurótica é aquela que o discurso da histérica expressa, como então, pensarmos a neurose obsessiva? Certamente não como uma estrutura autônoma, cuja constituição decorreria de um arranjo discursivo próprio.

A neurose obsessiva é um modo de organização sintomática originado no mesmo ponto no qual qualquer sintoma neurótico se estabelece: a experiência traumática de castração e o recalque primário da verdade que a castração revela. Nesse ponto, o pai em sua função simbólica convoca o *infans* a assumir a fala que lhe é dada pela metáfora (denominada “paterna” por Lacan), convocando o sujeito, assim instituído, a falar em nome próprio, ao transformar em significância a falta que nele se implantou.

O vazio implantado no seio do Outro (o simbólico), cujo real de sua incompletude transita agora para o próprio sujeito, convida-o a falar o inaudível da Coisa humana, de modo metafórico, possibilitando que aquilo que nunca foi dito, pois impossível de dizer, se meio-diga por um significante habitado pelo espírito da linguagem, um significante binário, que carreia em seu âmago a significância em lugar do objeto de completude perdido desde sempre. Eis o significante fálico: nome da Coisa humana, o nome do nada, que pela mágica da metáfora pode ser dito, senão de modo completo, pelo menos da melhor maneira possível. Esse é o significante do Nome do Pai, o significante do recalque originário a partir do qual o signo linguístico dá lugar ao significante como sendo aquilo que representa o sujeito para outro significante. É preciso ressaltar que a constituição do sujeito é ato de apagamento do signo que então é substituído pelo significante. O signo é aquilo que representa algo para alguém, implicando um objeto que circula entre os dois polos da relação de modo circular. O apagamento do signo é o equivalente da castração: doravante, não há mais esse algo que o signo representa, ou seja, o objeto verifica-se impossível e a própria relação com o outro passa de dual a ternária, mediada pelo significante que diferentemente do signo linguístico, representa o sujeito para outro significante.

Tornar-se sujeito implica aceitar perder-se como objeto materno, desistindo de garantir-lhe a completude, para se tornar o próprio significante fálico em sua dimensão de real impossível, um sujeito barrado também ele, tanto quanto o Outro. O *infans* se torna criança, ou seja, é o fim da primeira infância e o início da segunda, um tempo já todo ele imerso na plena eficiência simbólica, tempo de grandes aquisições culturais: alfabetização, aprendizagem da matemática e de todas as ciências, tempo de estabelecer os primeiros laços sociais fora do âmbito familiar, primeiros passos do sujeito humano (falante) no mundo.

Em termos psíquicos o sujeito falante é o sujeito neurótico, posto que sua estruturação se dá nesse laço discursivo constituído em função do recalque primário, um esquecimento inesquecível, imemorável, porém comemorável, cuja descoberta/invenção foi feita por Freud através da clínica da histeria.

O cerne de nosso ser, cerne do inconsciente, reside nesse vazio central, marca do recalque primário. Trata-se da dimensão real do inconsciente, o umbigo do sonho no dizer de Freud, o furo real no simbólico, no dizer de Lacan. Essa dimensão psíquica (o real) situa-se além do princípio do prazer, território do gozo. O neurótico não encara esse abismo, ele se defende dele, recalcando-o novamente. Eis o recalque secundário, formação de compromisso que preserva o recalque primário ao mesmo tempo que o supera através de formações de compromisso com o princípio do prazer: sonhos, sintomas, atos falhos compõem o saber inconsciente, um saber articular significantes que representam cada sujeito em sua singularidade. Saber nunca completo, pois aposta no reencontro do objeto perdido que obturaria o vazio deixado por sua perda, sem nunca se dar conta de que é de uma falta que se trata e não de uma perda.

Quando tudo dá certo na constituição humana, ou seja, quando pai, mãe e criança estão simbolicamente bem-posicionados no triângulo edípico, temos um ser que se apodera da fala e lida com a engrenagem do discurso da histórica a partir do recalque originário da falta de completude, o que a psicanálise denomina castração. Édipo e castração são a porta de entrada definitiva do ser humano na linguagem. Aquilo que aqui se interdita de modo definitivo ordena o desejo sexual, assim denominado por decorrer dessa secção, desse corte do vínculo estabelecido entre o bebê e sua mãe na tentativa de ambos atingirem a onipotência de um corpo completo. Com a castração a mãe volta a ser um sujeito humano dividido entre dois lugares simbólicos diferentes: mãe e mulher. O pai também se refunde subjetivamente nesse processo, dividido entre os lugares simbólicos do pai e do marido. A criança, por sua vez, se subjetiva, também ela dividida entre ser filho menino ou menina. A sexuação estará na dependência da relação que nesse ponto da constituição subjetiva a criança estabelece com o falo, esse significante mestre de toda significância. Isso implica dizer que a sexualidade humana não é regida pelo biológico, ou seja, não é instintual, mas pulsional.

Movida pela libido (energia sexual), a pulsão é força constante que nunca se esgota, posto que não tem um objeto definido, sendo sua finalidade a satisfação atingida ao completar seu trajeto na tentativa de realizar o desejo.

O desejo humano é a expressão da força da pulsão, de sua energia contínua, nascida do ato da castração pelo qual o sujeito em seu surgimento assume a falta de completude aceitando a perda desse projeto primitivamente almejado. Desejo é por definição o movimento, o impulso em direção ao que falta. Não haveria desejo se ele se realizasse, se ele encontrasse o objeto cuja existência, um dia, foi aceita como impossível. Desse objeto só se tem o nome: falo. O desejo nunca se realiza, nem mesmo no sonho que constitui sua realização disfarçada. É esse irrealizável do desejo que garante a força constante da pulsão.

Muito embora o desejo nunca se realize, a pulsão se satisfaz e sua satisfação está em completar seu trajeto ao traçar o contorno do vazio, garantia do desejar como busca incessante e marca do impossível. Traçar o contorno do vazio é desenhar uma borda, o que constitui a fonte da pulsão. Note-se que a satisfação da pulsão está no trajeto e não no encontro do objeto, pois todo seu trajeto delimita um vazio. Não existe objeto, dele só temos um nome, uma metáfora que o inscreve no simbólico, falando-o da melhor maneira possível. Ao homem cumpre falar. É justamente o trajeto pulsional em torno do vazio central de nosso ser (nosso Fiat Furo inaugural), que convoca a fala e nos torna falantes. Esse movimento pelo qual o ser falante não desiste de nomear o inominável, descreve o caminho completo da pulsão, o que inclui o furo central. O movimento aqui é topológico, de forma que essa repetição infinita sempre se salda por retornar a um ponto diferente daquele de onde partiu. O novo está sempre no ponto final do trajeto pulsional de onde decorre a satisfação alcançada pela ampliação da trama de linguagem que sustenta e nutre o sujeito. O trajeto de satisfação pulsional é ato sublimatório que lida com o recalque primário sem se valer de nova aposta no recalque.

A sublimação decorre de uma escolha inconsciente subjetiva frente à angústia diante do vazio no cerne de nosso ser. Em vez de dar-lhe as costas e partir para a busca do objeto que seria capaz de obturar esse vazio, como faz o neurótico em sua tentativa de evitar deparar-se com essa verdade, o sujeito do inconsciente pode escolher elevar o

objeto, cuja falta o vazio denuncia, à dignidade da Coisa, como Lacan define a sublimação. A coisa humana, das *Ding*, o Isso freudiano, impossível de ser inscrito no simbólico, encontra expressão metafórica, mas para tanto é preciso que o sujeito compareça assumindo em nome próprio a fala, pagando com seu próprio ser a articulação hiante do significante binário da metáfora.

Na neurose, deparar-se com esse vazio abissal desencadeia a angústia que funciona como sinal para que o recalque seja reativado. Ao se deparar com o recalque primário, o neurótico pode recorrer ao recalque secundário quando se estabelecem os sintomas. Redobrar a aposta no recalque afasta o sujeito de renovar a afirmação na metáfora que lhe foi dada pelo significante do Nome do Pai, ponto no qual o sujeito neurótico foi instituído ao aceitar a perda do objeto de completude constituindo-se tão incompleto quanto o Outro. Momento de desamparo e orfandade que pode ser enfrentado quando o sujeito aceita tomar a palavra e encontrar por si mesmo a luz do significante. A escolha pela via do recuo, faz com que o neurótico não subjetive a falta, recusando-se a encontrar por conta própria um significante que nomeie o nada. De costas para o vazio revelado pela castração, o neurótico segue buscando o objeto perdido, transformando em perda o que de fato é falta estrutural. Preso nessa repetição do mesmo circuito denegatório, ele repete sempre o mesmo fracasso. Sua aposta não é feita no “Eu” que deve advir lá onde é o Isso, sendo antes uma aposta no reencontro do objeto, reencontro do ponto em que ele próprio se tornaria o objeto de completude e gozo do Outro. O resultado disso é a insatisfação levada ao extremo no sintoma hístico, ou a impossibilidade vivida agudamente no sintoma obsessivo. O trajeto pulsional não se completa quando a denegação da castração toma o lugar do enfrentamento do vazio.

Já o pleno trajeto da pulsão se salda pela refundação subjetiva, resultado do ato psíquico pelo qual o sujeito se verifica renovadamente como a hiância articuladora de um significante que o representa para outro significante. Só o ato sublimatório satisfaz a pulsão, pondo o desejo em movimento. Aqui a repetição se salda pelo novo, o inédito.

Ainda que a sublimação marque presença na vida subjetiva tão logo o sujeito se institua, caracterizando um período que Freud denominou “período de latência”, ela é de certa forma suplantada, pois a escolha do caminho do recalque secundário está sempre disponível para o neurótico, especialmente a partir da adolescência, quando a busca pelo objeto perdido se intensifica na busca pela parceria afetivo-sexual que pretende ser de completude unificante.

Um total remanejamento da estrutura subjetiva, de forma a destravar o desejo, tornando caduca a necessidade do sintoma, só se alcança pela psicanálise que opera por um vínculo social específico: o discurso do analista. Através de uma análise levada até seu final, a estrutura neurótica se ameniza em sua virulência recalcante, passando a operar a partir de um desejo novo que Lacan denominou “desejo do analista”, um desejo capaz de expressão sublimatória. E isso só se alcança com o sujeito autorizando-se por si mesmo a afirmar, confirmar e reafirmar a castração da almejada completude. Falar em nome próprio é o que decorre disso, com a consequente produção de uma obra (qualquer que seja) endereçada ao Outro, e não para uso privado e inconsciente, como são os sintomas neuróticos. A produção da obra sublimatória, sempre endereçada ao laço social, amplia a trama linguística pela vivificação e renovação do espírito da língua, característica do mundo humano.

Com o chamado “discurso do mestre”, Lacan apresenta o tipo de vínculo social que representa a constituição do sujeito do inconsciente ao tempo do trauma edípico e de sua saída pela castração, ao passo que o “discurso da histérica”, traça o destino de todo neurótico. É de se notar que o modo como a pulsão se encaminhará a partir daí, vai depender do autorizar-se subjetivo que afirma a castração, insiste nessa afirmação e segue afirmando-a. Para a assunção da posição subjetiva da fala são necessários esses três tempos de enfrentamento da resistência que o supereu opõe à perda do lugar de objeto. É desse modo que se pode falar de uma escolha subjetiva inconsciente.

O sujeito do inconsciente não é vítima desse ou daquele destino, trata-se de uma escolha subjetiva. Sua escolha determinará o modo histérico ou obsessivo de desenvolver sintomas. Essas duas possibilidades são modos diferentes de o sujeito lidar com a castração já afirmada por ele, afirmação que o sexualiza ao mesmo tempo que o torna sujeito. Situar-se do lado homem ou do lado mulher na lógica da sexuação, dependerá de uma escolha de como articular o significante fálico trazido pela metáfora paterna, seja como desejo impossível (neurose obsessiva), seja como desejo insatisfeito (histeria). Em qualquer dos casos, está em cena o “discurso da histérica” que caracteriza a estrutura neurótica.

Onde situar, então, a fobia, a perversão e a psicose? Em que estrutura elas se amparam?

A fobia não constitui uma estrutura psíquica própria. Ela se estabelece quando a criança, diante do trauma da castração não encontra na palavra do pai a força suficiente para a interdição da mãe, buscando então algo que lhe sirva de referência para sua castração, ou seja, que a proteja da mãe agora vista como castrada. Enquanto durar a condição fóbica o sujeito não se constitui plenamente, encontrando no recurso ao pânico um arremedo de solução. O objeto não está interditado e seu reaparecimento se comprova pelo pânico que caracteriza a fobia. É o objeto fóbico que ocupa o lugar de interdição que o significante metafórico promoveria.

A perversão também não constitui uma estrutura discursiva, já que se estabelece pela renegação da castração. O recalque primário foi vislumbrado pela criança que no ato de sua afirmação, renega-o, estabelecendo uma relação ao Outro que desconhece a diferença absoluta. É também o objeto que transita na relação entre o perverso e o outro.

A psicose, por sua vez, se estabelece fora do laço social por constituir-se a partir da forclusão do significante do Nome do Pai. Não existe recalque originário na psicose e, conseqüentemente, não se constitui o sujeito à fala (marca do inconsciente como real recalcado). Sem a implantação do furo real no simbólico, ou seja, sem a castração, o objeto segue colado àquele que poderia ter se tornado sujeito do inconsciente. O psicótico não fala, ele é falado.

Só quem passou pela castração e a ela disse “Sim”, sem nunca recuar dessa afirmação primitiva, é sujeito do inconsciente, o sujeito falante que o “discurso do mestre” apresenta como dividido entre dois significantes e que subjaz a essa articulação linguageira, fruto do recalque originário, esse imemorable Fiat Furo da criação do mundo humano da fala. Lidar com esse mal-estar de ter de pagar renovadamente pelo

dom da fala, sempre renunciando ao objeto que se pretende obturador desse buraco, é tarefa que o neurótico recusa, escolhendo então a via do sintoma histérico ou obsessivo.

Neste ano, nos debruçaremos sobre a obra de Charles Melmann, que dedicou dois anos a um seminário sobre a neurose obsessiva nos anos 1987-88 e 1988-89, além da publicação de uma série de conferências que o autor fez na Escola Lacaniana de Psicanálise do Rio de Janeiro em 2001.

Nossa leitura será balizada pelo questionamento da escolha inconsciente da neurose: o que leva à escolha da neurose obsessiva? Vasculharemos com Melmann todo o quadro teórico dessa escolha sintomática e as peculiaridades clínicas a ela atreladas.

Se esse tema for do seu interesse, você é nosso convidado para essa jornada.

Campinas, outubro/2025

BIBLIOGRAFIA:

- Melmann, C. *A Neurose Obsessiva no Divã de Lacan – Um estudo psicanalítico*, Imago Editora, col. Tempo Freudiano, Rio de Janeiro, 2011.

-Melmann, C. *A Neurose Obsessiva*, Companhia de Freud Editora, Rio de Janeiro, 2004.

COORDENAÇÃO: Regina Steffen

DATA E HORÁRIO: às terças-feiras, das 19h00 às 20h30

INÍCIO: 03/03/2026

ON-LINE

